



O “ATLETISMO” COMO TEMA DA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO: UMA ANÁLISE EM PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA BRASILEIRA

“ATHLETICS” AS A THEME OF KNOWLEDGE PRODUCTION: AN ANALYSIS IN BRAZILIAN PHYSICAL EDUCATION JOURNALS

*Anderson Felix Santana Santos, **Fabio Zoboli e ***Renato Izidoro da Silva

RESUMO

O texto¹ objetivou analisar a produção do conhecimento da temática “atletismo” em periódicos da Educação Física brasileira classificados como A1, A2, B1 e B2 pelo WebQualis da Capes no período de 2000-2014. O estudo é do tipo bibliométrico com abordagem quali-quantitativa de caráter descritivo. Como critério de busca foi digitada a palavra-chave “atletismo” na opção de busca “título”. Como resultados foram encontrados 15 textos que após analisados foram agrupados em cinco categorias: atletismo e Educação Física escolar; formação de atletas de atletismo e talento esportivo; aspectos sócio históricos do atletismo; treinamento e atletismo de alto rendimento; e, atletismo, currículo e formação profissional. Como resultado percebemos a pouca produção sobre o tema atletismo nos periódicos da Educação Física brasileira. Imbricado a isso visualizamos que os textos analisados instigam futuras pesquisas na medida em que apontam lacunas para que futuros estudos possam ser realizados – o que é característico nas constatações bibliométricas.

Palavras-chave: Atletismo; Produção de conhecimento; Bibliometria; Periódicos da Educação Física brasileira.

ABSTRACT

This text aimed at analyzing the knowledge production regarding "athletics" in Brazilian Physical Education journals classified by Capes' WebQualis as A1, A2, B1 and B2 in the period between 2000 and 2014. This is a bibliometric study which has a qualitative and a quantitative approach and a descriptive. As a search criterion the keyword “athletics” was typed in the “title” search option. fifteen texts were found as a result of the research, which were analyzed and grouped into five categories: athletics and physical education; training track and field athletes and sports talent; historical aspects of athletics partner; athletic training and high performance; and, athletics, curriculum and vocational training. As a result we see the little production on athletics theme in Brazilian Physical Education journals. Imbricated to this visualize the texts analyzed instigate further research in that point gaps so that future studies can be carried out – which is characteristic of the findings bibliometric.

Keywords: Athletics; Knowledge Production; Bibliometrics; Brazilian Physical Education Journals.

Recebido em: 20/09/2016

Aprovado em: 17/10/2016

*Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE
Email: andersonfelix13@hotmail.com

**Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE
Email: zobolito@gmail.com

*** Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, SE
Email: izidoro.renato@gmail.com

¹ O artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica financiada pela Coordenação de Pesquisa (COPES) da Universidade Federal de Sergipe (UFS).



INTRODUÇÃO

Apesar de não haver consenso sobre o objeto de estudo da Educação Física podemos afirmar que o corpo e o movimento são centrais quando nos referimos a este campo de saber. Neste contexto, o desporto se apresenta como uma manifestação cultural onde corpo e movimento se manifestam a partir de códigos e sentidos da sociedade que o pratica. O atletismo é um entre os muitos desportos existentes e como tal é artefato que pode ser tensionado nos estudos da Educação Física. O atletismo é uma modalidade esportiva que agrupa três tipos de práticas: corridas, saltos e arremesso/lançamentos. Esta modalidade é praticada em um campo atlético (pista de corrida e setores de saltos e arremesso/lançamentos) com exceção feita às corridas de longa distância (corridas² acima de 10 km) que são praticadas na rua ou no campo (*cross country*).

O “atletismo” enquanto ação pode se apresentar de modo correlacionado com outros fenômenos, desta forma, este texto lança uma preocupação com a possibilidade de compreender essa variedade de manifestações onde o atletismo aparece como objeto empírico a ser estudado pela Educação Física, oferecendo uma organização do tema em relação aos trabalhos publicados em periódicos da Educação Física.

Desta forma, torna-se relevante, compreender o que há de produção científica nos periódicos nacionais em que a temática do atletismo é veiculada. A guisa de pressupostos acreditamos que as produções acadêmicas no âmbito do atletismo são diversas, no contexto dos periódicos da Educação Física. Alegamos isso na medida em que corroboramos do pensamento de que a Educação Física é uma área interdisciplinar de conhecimento que sofre influência das mais variadas ciências: psicologia, biologia, fisiologia, filosofia, sociologia, história, cinesiologia, nutrição, dentre outras.

A aplicação de estudos quali-quantitativos

ou mistos à produção bibliográfica com fins descritivos e de avaliação da relevância, do impacto e da compreensão teórico-metodológica e social dos estudos realizados em um campo específico de conhecimento tem sido a principal característica e/ou finalidade dos estudos de “bibliometria”. Em resumo, a meta de um estudo bibliométrico é construir escalas de medidas para enquadrar o quantitativo das produções científicas, a fim de resultar em uma mensuração acadêmica das publicações. Tal medição pode implicar tanto uma publicação individualmente quanto dos conjuntos – de publicações – formados por cada veículo de difusão do conhecimento como periódicos, jornais, livros, anais de eventos e bancos de dados acadêmico-científicos onde são cadastrados artigos, ensaios, resumos, resenhas, monografias, dissertações e teses.

Considerada como prática multidisciplinar, a bibliometria começa inicialmente a ser aplicada com a finalidade de identificar comportamentos quantitativos e estatísticos da literatura e de sua evolução em uma determinada época e contexto em relação à frequência e ao volume de produções temáticas, bem como ao tipo de abordagem teórico-metodológica e disciplinar utilizada em estudos científicos publicados em veículos acadêmicos (BUFREM; PRATES, 2005). O termo bibliometria é derivado da junção do grego *biblion*, que significa livro, com o latim *metricus* e o grego *metrikos*, que significam mensuração, refere-se à conceituação usual do termo: processo de medida relacionada ao livro ou ao documento (ARAÚJO, 2006, p. 12).

No caso do campo acadêmico da Educação Física, esse tipo de investigação é recente. Esse atraso, de alguma maneira, pode ser explicado pelo fato de a disciplina, durante muito tempo, ter sido considerada, conforme nos apontou Bracht (1999), muito mais uma área de aplicação do que de produção de conhecimento. Costuma-se atribuir à década de 1980 e a seu “movimento renovador” (CAPARROZ; BRACHT, 2007) as possibilidades de se pensar a Educação Física

² A marcha atlética se enquadra na categoria de corridas, mesmo sendo ela uma progressão de passos em que o atleta não perde contato com o solo e a perna que avança deve permanecer reta desde o primeiro contato com o solo até a posição ereta vertical. As provas de marcha atlética se apresentam da seguinte forma: 20 km (masculino e feminino) e 50 km (masculino). Todas elas são feitas em circuitos de estrada.



como disciplina acadêmica que produz seus próprios conhecimentos, relativizando, assim, seu colonialismo epistemológico (GAMBOA, 1995) em relação às ciências-mãe, como a Biologia, a Biomecânica, a Psicologia, a Sociologia etc. A prática de mapear e avaliar a produção de conhecimento na área da Educação Física, desde então, foi aos poucos se tornando recorrente, ao mesmo tempo em que se configurava mais claramente como um campo acadêmico (isto é, proliferaram congressos e periódicos científicos e consolidou-se a pós-graduação *stricto sensu* etc.).

Fazer uma análise do levantamento nos periódicos nacionais da Educação Física (classificados com extrato A1, A2, B1 e B2) com a perspectiva de traçar o que vem sendo produzido e conseqüentemente publicado nesses mesmos periódicos em relação à temática atletismo é o objetivo central deste artigo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo se caracterizou como sendo de abordagem quali-quantitativa de caráter descritivo. Optou-se por um viés metodológico quali-quantitativo ou misto, por compreender os estudos bibliométricos como dependentes de métodos e técnicas tanto discursivas quanto estatísticas. Conforme nossos estudos teórico-metodológicos preparatórios para a realização da presente bibliometria, este tipo de estudo, além de necessariamente quantitativo, geralmente depende de procedimentos de natureza qualitativa. Conforme alerta Araújo (2006, p. 24), “[...] passou-se a questionar a validade de estudos exclusivamente quantitativos, colocando em questão a existência da bibliometria [...] como disciplina científica [...]”. Com isso, “[...] ela deveria passar a ser uma técnica de suporte a ser somada a outras na realização de estudos concretos”.

No vínculo expresso primeiramente entre bibliometria e métodos qualitativos está em pauta a extração de qualidades a partir de relações quantitativas – matemáticas e estatísticas. Outro vínculo quali-quantitativo da bibliometria ocorre quando os procedimentos de qualificação

discursiva – conceitual – devem anteceder – tácita ou conscientemente – o trabalho de quantificação. Para tanto, contra um olhar dicotômico e sectário entre abordagens qualitativas e quantitativas, é preciso compreender ambas como momentos possíveis de uma pesquisa a depender de seu ponto de partida em relação à natureza e às condições objetivas atuais dos dados produzidos. Nas palavras de Pereira (2004, p. 25), “O dualismo entre abordagem racional e experimental chega aos dias de hoje, na oposição entre pesquisas qualitativas e quantitativas”.

Para o autor supracitado, “[...] nem a primeira está isenta de quantificação nem a segunda prescinde de raciocínio lógico. São, sim, alternativas metodológicas para a pesquisa e a denominação [...] não delimita [...] objetos qualitativos e quantitativos, nem [...] paradigmas científicos [...]” (PEREIRA, 2004, p. 25). Por esse caminho, Pereira (2004, p. 22) explica que a abordagem quantitativa não é possível quando o pesquisador não dispõe de conhecimento anterior do objeto pesquisado. Trata-se de considerar a classificação qualitativa dos objetos como atitude epistemológica ou gnosiológica primária do pensamento e de seus vínculos com as sensações. “É, então, a abordagem qualitativa que viabiliza, pelo menos, o primeiro reconhecimento do objeto e, eventualmente, instrumentaliza uma posterior abordagem alternativa” (PEREIRA, 2004, p. 25). Em outras palavras, se não há o conhecimento qualitativo como primário, não é possível quantificar o desconhecido. O número só faz sentido quando enumera, ordena ou quantifica coisas que possuem nomes; tais nomes são dependentes das qualidades sensitivas ou utilitárias dos objetos.

Por esse motivo, todo estudo bibliométrico depende de um exercício prévio de nomeação, segundo suas qualidades, dos objetos a serem quantificados; pois, enumera-se tanto os objetos na formação de conjuntos quanto qualidades ou características de um mesmo objeto. “O nome é um artifício imprescindível para o reconhecimento do ser: para que algo seja estudado é preciso nomeá-lo” (PEREIRA, 2004, p. 30). Qualquer oposição entre ambas as “[...] abordagens é uma representação [...]”



extemporânea e inapropriada, da oposição entre racionalismo e empirismo como paradigmas científicos distintos” (PEREIRA, 2004, p. 22). Entre tomar contato empírico com o objeto e pensar o objeto existe o problema crucial da qualificação ou caracterização do objeto a partir de algum fundamento classificatório ou categorial.

Para Pereira (2004, p. 30), na “[...] mensuração de eventos qualitativos [...] é pertinente [...] a distinção entre objeto e atributo: o dado qualitativo é uma estratégia de mensuração de atributos, ou seja, o objeto (o objetivo) da mensuração não é o objeto (a coisa) em si, mas seus predicados”. Não obstante, “[...] o pesquisador deve, em primeira instância, reconhecer o objeto, o ser, cujos atributos quer estudar” (PEREIRA, 2004, p. 30). Mas, se a investigação não se detém estritamente aos atributos de um objeto específico apenas, ela pode a partir de predicados mais gerais unir em um conjunto objetos que possuem atributos em comum para formar categorias.

Embora se incluam técnicas estatísticas como parte das pesquisas bibliométricas, a presente pesquisa assume um ponto de vista quantitativo, porém, não-estatístico. Isso se deve ao fato de termos limitado este trabalho à exposição dos procedimentos de coletas, pois encerramos o levantamento na etapa de apresentação de tabelas, quadros e gráficos responsáveis por sistematizar e expor organizadamente os dados coletados. O caráter não-estatístico do estudo pode ser ainda identificado por não termos considerado as relações – para além da exposição organizada – entre as quantidades pesquisadas na condição de variáveis dependentes e independentes. Além disso, não orientamos a investigação para o papel da estatística em contribuir com a tomada de decisões diante da prevalência de condições de incertezas como uma estratégia de ruptura com as escolhas pautadas em argumentos de autoridade ou de senso-comum. Não nos dirigimos para uma estatística voltada à formulação de hipóteses, previsões e inferências

acerca das possibilidades de resolução de um problema em termos da generalização da amostra, a fim de prová-la ou reprová-la como representativa de sua população (VIEIRA, 2010).

A amostra eleita para nosso estudo foram os textos completos de seis periódicos da Educação Física brasileira que continham em seu título a palavra “atletismo”. As revistas analisadas foram as avaliadas pelo Qualis periódicos da CAPES³ com o conceito A (A1 e A2) e B (B1 e B2). Ou seja, nossa pesquisa esteve atenta aos seguintes periódicos: *Motriz*; *Pensar a Prática*; *Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE)*; *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte (RBEFE)*; *Revista da Educação Física UEM e Movimento*. O recorte temporal adotado para triagem do material inicia-se no ano 2000 e vai até o ano de 2014.

O levantamento dos dados foi realizado no banco de dados dos periódicos utilizando a ferramenta de busca disponível *online*, selecionando o filtro “título” para aplicar o seguinte termo de busca: “atletismo”. Em seguida, para fins de contabilização e enumeração dos artigos, tais dados foram transferidos para uma planilha confeccionada no *software Excel da Microsoft* e organizados primeiramente em forma de lista segundo as seguintes informações técnicas: título, volume e edição.

Tendo como base esta lista de artigos, foram estabelecidos alguns critérios de seleção e em seguida foram efetivadas algumas exclusões conforme os seguintes critérios: a) textos de anais de eventos; b) textos apresentados sob a forma de resumos; c) resenhas de livros; d) textos que extrapolavam o recorte temporal de 2000-2014. Feito isso, a nossa amostra bibliográfica totalizou quinze (15) artigos.

Num segundo momento, na análise dos dados, levando em consideração os 15 artigos, foi elaborada uma segunda planilha para estruturação detalhada de dados de acordo com as categorias: título, resumo, tema central, mês/ano/edição, instituição, região, gênero e número de autores. Vale ressaltar que todos os

³ A consulta dos Periódicos Qualis foi feita na Plataforma Sucupira no dia 07 de abril de 2014 – quando se deu o início desta pesquisa. O parâmetro de busca foi de Qualis 2013.



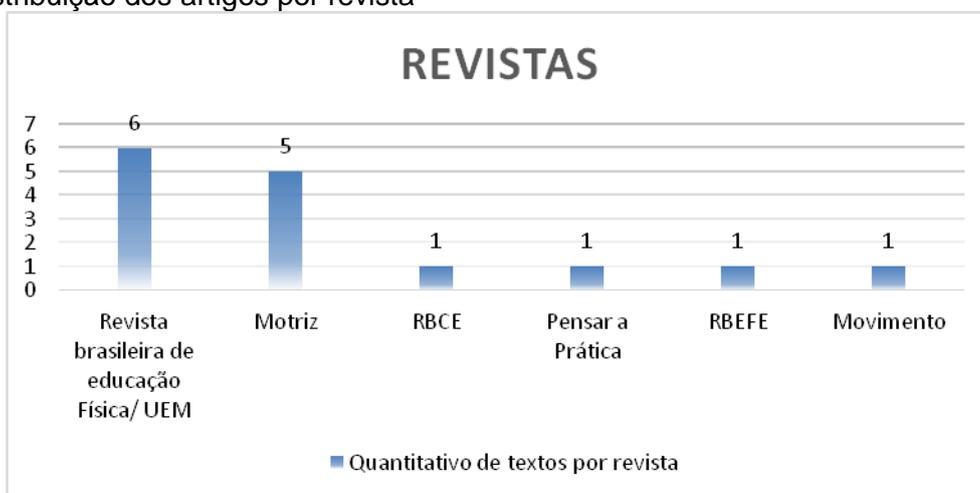
dados preenchidos na segunda planilha foram baseados exclusivamente nas informações apresentadas pela revista em sua plataforma ou no corpo dos próprios artigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos nossa apresentação com a apresentação dos textos encontrados pelo seu quantitativo em revista. Desta forma, no gráfico

1 podemos observar a distribuição dos textos por revista, correspondentes ao período entre 2000-2014, no qual, foram encontrados 15 textos. O quantitativo de textos está assim distribuído: 6 textos na Revista Brasileira da Educação Física/UEM; 5 textos na Revista Motriz; 1 texto na Revista Pensar a Prática; 1 texto na Revista Brasileira Ciências do Esporte (RBCE); 1 na Revista Brasileira de Educação Física e Esporte; e, 1 texto na Revista Movimento.

Gráfico 1: Distribuição dos artigos por revista

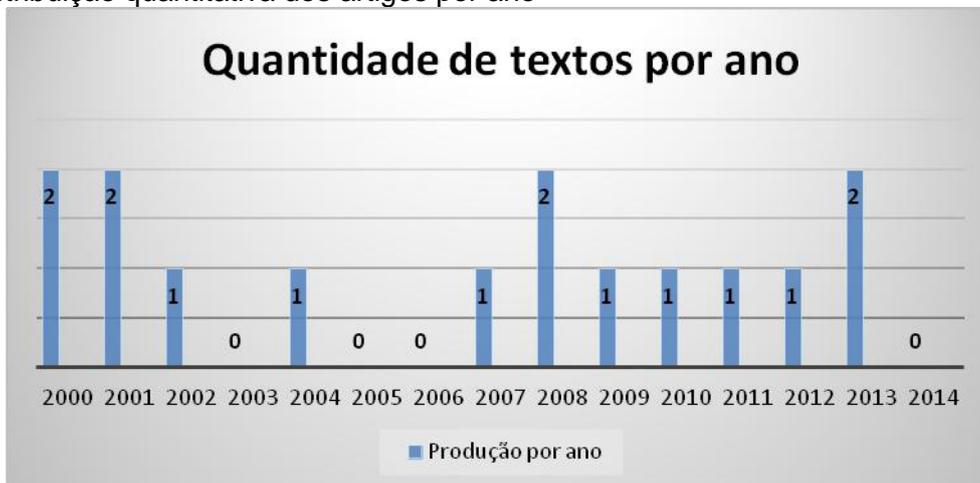


Fonte: Construção dos autores

Na sequência, de acordo com o gráfico 2, podemos visualizar o quantitativo de textos por ano de publicação. Neste sentido, têm-se os seguintes dados: tivemos os anos 2000, 2001, 2008 e 2013 com duas publicações; os anos de 2002, 2004,

2007, 2009, 2010, 2011 e 2012 com uma publicação cada ano; e, nos anos de 2003, 2005, 2006 e 2014 não houve nenhuma publicação veiculada ao tema atletismo nas revistas pesquisadas.

Gráfico 2: Distribuição quantitativa dos artigos por ano



Fonte: Construção dos autores



Ao obter os textos perspectivados sobre a temática pesquisada, tivemos um total de 34 autores distribuídos nesses 15 textos nos 6 periódicos da Educação Física. Os autores que mais assinaram textos foram: Sara Quenzer Matthiesen do Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (GEPPA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) com quatro textos publicados sobre a temática “atletismo”; na

sequência com três artigos publicados aparecem Lenamar Fioresi Vieira e José Luiz Lopes Vieira do Grupo Pró-esporte da Universidade Estadual de Maringá/PR – ambos assinaram os 3 textos em parceria autor-coautor.

A pesquisa nos informou 34 autores distribuídos em 10 instituições diferentes. A tabela 1 apresenta as instituições dos autores e os seus respectivos quantitativos.

Quadro 1: Apresentação das instituições e quantitativo de autores

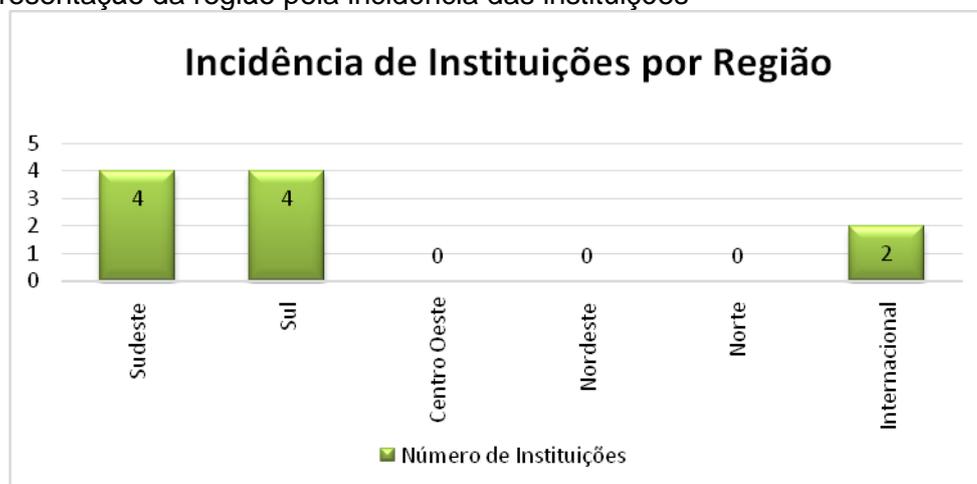
INSTITUIÇÃO	Nº DE AUTORES
UNESP Rio Claro – SP	12
Universidade Estadual de Maringá – PR	8
Universidade Gama Filho – RJ	3
Universidade Federal de Santa Maria – RS	3
Universidade Técnica de Lisboa – Portugal	2
Faculdade Ingá/Uningá – PR	2
Universidade Federal de Pelotas – RS	1
Universidade Lyon – França	1
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – RJ	1
Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP	1

Fonte: Construção dos autores

O gráfico 3 refere-se à distribuição das instituições citadas na tabela 1, no que tange as regiões das mesmas. Podemos visualizar assim qual região teve maior incidência de autores publicando sobre a temática atletismo. Importante mencionar que elencamos aqui as cinco regiões do Brasil (para elencar textos brasileiros) mais a categoria internacional (para elencar textos do exterior). Desta forma, temos autores de 10

instituições que veicularam textos sobre o tema “atletismo”, das quais 4 são da região Sudeste do Brasil; 4 da região Sul; e, 2 são textos de autores de instituições internacionais. Não foram encontradas produções de instituições da região Nordeste, Norte e Centro Oeste do Brasil. Dos textos internacionais temos textos de 2 países: Portugal (1 texto) e França (1 texto).

Gráfico 3: Apresentação da região pela incidência das instituições



Fonte: Construção dos autores



Importante salientar que neste gráfico apresentamos os autores por instituições e não por textos. Assumimos essa postura na medida em que muitos dos textos são híbridos, ou seja, autores que assinam o mesmo texto, mas que são de instituições diferentes dentro do cenário nacional. Vemos isso como algo positivo, pois acreditamos ser importante a parceria interinstitucional entre grupos de pesquisas e pesquisadores. Desta forma apresentamos o quantitativo de artigos institucionais (assinados por autores de uma única instituição) e o quantitativo de artigos interinstitucionais ou híbridos (assinados por autores de instituições diferentes). Dos 15 artigos encontrados 11 são artigos institucionais e 4 são interinstitucionais.

A partir das temáticas encontradas os 15 textos foram sistematizados e agrupados em categorias temáticas. Assim, nomeamos 5 categorias temáticas: 1) "Atletismo e Educação Física escolar"; 2) "Formação de atletas de atletismo e talento esportivo"; 3) "Aspectos sócio históricos do atletismo"; 4) "Treinamento de atletismo e alto rendimento"; e, 5) "Atletismo, currículo e formação profissional".

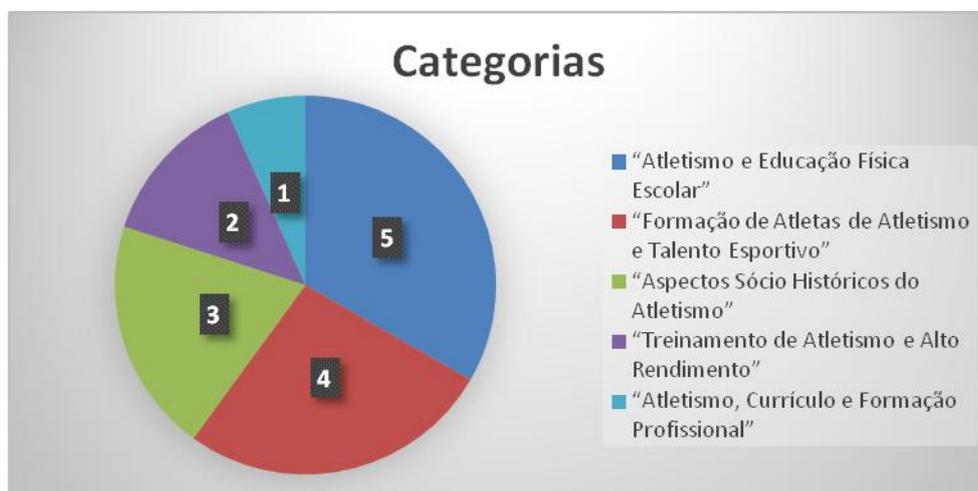
O quantitativo de 15 textos é um número que consideramos reduzido se pensarmos na modalidade "atletismo" como modalidade historicamente central no eixo de práticas esportivas ensinadas nas escolas e nos cursos de formação em Educação Física. Importante mencionar que não estamos levando em conta

jargões históricos repetidos com frequência que consideram o atletismo como "esporte mãe" ou como "esporte mais completo" por abranger movimentos de correr/saltar/lançar. Por mais que o atletismo seja uma modalidade conhecida sabemos que ele é ainda pouco preferido na relação com os demais esportes, principalmente os praticados com bola.

Essa linha de raciocínio, em procura de uma visualização dos problemas básicos do Atletismo no espaço escolar, tende a aceitar a tese segundo a qual o brasileiro vive pela filosofia do prazer. A bola, como instrumento de comunicação interpessoal e de auto-expressão, mais a índole acentuadamente lúdica dos esportes coletivos, logram preencher suas expectativas de cultura física, por virem ao encontro dessa filosofia de vida. Tal concepção talvez ajude a explicar a sentença bem brasileira: atletismo não se pratica com bola! (MEZZARROBA et al, p. 3, 2006).

No gráfico 4 apresentamos a distribuição dos 15 artigos nas suas respectivas categorias. Como resultados tivemos: 5 textos alocados a categoria "atletismo e Educação Física escolar"; 4 na categoria "formação de atletas de atletismo e talento esportivo"; 3 textos na categoria "aspectos sócio históricos do atletismo"; 2 na categoria "treinamento de atletismo e alto rendimento"; e, 1 texto na categoria "atletismo, currículo e formação profissional".

Gráfico 4: Distribuição dos artigos por categoria



Fonte: Construção dos autores



Abaixo apresentamos as categorias com suas características e argumentos de agrupamento. Também apresentamos os textos agrupados a essas categorias temáticas.

Categoria “**Atletismo e Educação Física escolar**”: esta categoria engloba artigos que reúnem questões que estão ligadas com a ação pedagógica propriamente dita, ou seja, artigos que tratam desde os elementos pedagógicos da

aula, como iniciação do atletismo nas aulas de Educação Física escolar e todo o trato pedagógico e exemplos através de relatos de experiências em vivências escolares: métodos de ensino, conteúdos/trato didático-pedagógico e relatos de experiências. Com uma perspectiva que leva em consideração o “atletismo escolar” foram encontrados em nossa amostra cinco textos que seguem exibidos abaixo no quadro 2.

Quadro 2: Artigos categoria “atletismo e educação física escolar”.

TEXTO	TÍTULO	REVISTA	ANO
Texto 1	Atletismo na escola	Motriz	2008
Texto 2	Atletismo para crianças e jovens: vivência e conhecimento.	Motriz	2008
Texto 3	Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de educação física.	Motriz	2007
Texto 4	Atletismo escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de educação física.	Movimento	2009
Texto 5	O atletismo escolar: proposta de organização de aulas a partir da proposta crítico emancipatória e didática comunicativa	Pensar a Prática	2013

Fonte: Construção dos autores

As pesquisas dessa categoria temática são originárias: 3 do Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (GEPPA) da Universidade Estadual Paulista (UNESP) sob a batuta de Sara Quenzer Matthiesen; e, 2 de Carmen Lúcia Marques e Jacob Alfredo Iora – ambos de universidades gaúchas.

Como apontam os estudos de Iora e Marques (2006), Mezzaroba e colaboradores (2006) e Matthiesen, Silva e Silva (2008) é recorrente a proposição de que pouco se pratica o atletismo na escola por falta de estrutura física para sua realização. Talvez esse possa ser o argumento para tão pouca produção do tema “atletismo” no âmbito da Educação Física escolar. Outra pista para compreendermos tal fenômeno encontramos no estudo intitulado “Atletismo (ainda) não se aprende na escola? Revisitando artigos publicados em periódicos científicos da Educação Física nos últimos anos”. Para Silva e colaboradores (2015, p. 1115):

Uma das questões mais latentes quando se discute o ensino do atletismo nas escolas é sobre até que ponto os professores realmente ensinam a modalidade ou apenas se utilizam de

suas habilidades motoras sem se referenciar a ela. É o que ocorre, por exemplo, quando se afirma ensinar atletismo porque se utiliza atividades que envolvem corrida, como é o caso do jogo de pega-pega. Para que seja considerada atletismo, é necessário que a atividade veicule um conhecimento específico sobre suas provas.

Além disso, o estudo de Silva e colaboradores (2006) aponta que quando o atletismo é praticado há uma prevalência no ensino de corridas em detrimento dos saltos e dos arremesso/lançamentos. Mesmo que haja uma prevalência no ensino de provas de corridas o estudo aponta que essa prevalência recai a provas de velocidade, fundo e corridas de revezamento. Corrida com barreiras, obstáculos, marcha atlética não são citadas quando se fala do ensino de corridas. Depois das corridas o grupo mais trabalhado é o de saltos, com centralidade no salto em distância e no salto em altura. O grupo menos abordado é o das provas de arremesso e lançamentos, sendo que, neste grupo, há uma que é mais enfatizada: o arremesso do peso. (SILVA et al., 2015).



Os trabalhos desta categoria são interessantes e bem estruturados e servem de estímulo para se ampliar as pesquisas sobre o atletismo escolar. Diagnosticar em que medida o atletismo é praticado nas escolas seria um bom começo para tratar à temática e pensar em outras demandas. A monocultura do futebol e o fato do atletismo não ser um esporte praticado com bola aliado a sua prática individual são índices que pesam contra sua disseminação no âmbito das escolas; no entanto, a narrativa e o relato de experiências de trabalhos bem sucedidos com a prática da modalidade elaborados por professores de Educação Física podem servir de pista para que o atletismo seja trabalhado de forma mais intensificada no âmbito escolar. O "mini-atletismo" também é um modelo a ser divulgado e a sua fácil adaptação ao contexto escolar pode servir de incentivo a sua prática.

Categoria "Formação de atletas de atletismo e talento esportivo": esta categoria temática apresenta textos que versam sobre talento esportivo e atletas de atletismo em fases de iniciação e de categorias que antecedem a fase adulta. Os motivos do abandono de talentos esportivos do atletismo na transição da categoria juvenil para adulto; a organização da estrutura política para o desenvolvimento do atletismo de base e detecção de talentos; os atributos pessoais de talentos esportivos em atletas paranaenses de atletismo; e, o impacto dos eventos anteriores de vida e experiências esportivas nas etapas do desenvolvimento de talentos no atletismo foram objetos de estudos elencados nesta categoria. Enquadraram-se nesta temática quatro textos que seguem descritos no quadro 3.

Quadro 3: Artigos categoria "formação de atletas de atletismo e talento esportivo"

TEXTO	TÍTULO	REVISTA	ANO
Texto 6	O abandono da modalidade esportiva na transição da categoria juvenil para adulto: estudo com talentos do atletismo.	UEM	2010
Texto 7	As estruturas políticas e sua influência no desenvolvimento do esporte no estado do Paraná: o caso do atletismo.	UEM	2001
Texto 8	Talentos esportivos: estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do atletismo.	UEM	2001
Texto 9	A relação entre <i>timing</i> vital e social de talentos esportivos: um estudo com atletas paranaenses do atletismo.	UEM	2000

Fonte: Construção dos autores

No âmbito das ciências do esporte o talento esportivo sempre foi um tema caro pela sua relevância e complexidade. A atenção da ciência para com este tema deriva do processo de captura de indivíduos com capacidades diferenciadas – acima da média – visando a excelência na realização das destrezas esportivas. Böhme (2007, p. 120) menciona que “na área do esporte de rendimento utiliza-se o termo ‘talento desportivo’ para designar aquelas pessoas que possuam um potencial, uma aptidão especial, ou uma grande aptidão para o meio esportivo”. Porém, nestes estudos faz-se necessário evitar teorias de cunho determinista com verdades contidas na leitura de fatores biológicos destes corpos.

Se há intenção de estudar o talento esportivo a partir do conhecimento científico, o meio mais adequado de fazê-lo é rejeitando a ideia de que a ciência possa fornecer verdades absolutas e definitivas. Pois, se tratando a ciência como instrumento de revelação de determinismos, o fracasso pode ficar mais evidente. Mas, por outro lado, se com cautela almejarem-se aproximações progressivas na expectativa de compreensão do fenômeno – compreensão esta que será sempre incompleta – tem-se a chance de se obter algum sucesso (SILVA, 2005). Além do mais, o sucesso esportivo depende muito de questões culturais subjetivas que fogem ao controle dos métodos científicos pautados nas ciências biomédicas.

O que se pretende afirmar é que no que tange a abordagem das investigações



sobre talento esportivo, pretender prever com exatidão futuros campeões em longo prazo encaminha-se sem dúvida ao fracasso. Todavia, se com parcimônia modelos mais ou menos isomórficos e modelos parciais que auxiliem na compreensão das relações complexas que envolvem o fenômeno do talento esportivo forem apresentadas, há a possibilidade de se obter algum sucesso (SILVA, 2005, p. 9).

Pensar em uma nação forte no âmbito esportivo significa pensar em políticas públicas de formação e captura de atletas e talentos esportivos. O contato com o esporte na infância e na adolescência através da escola pode incitar no gosto de se praticar o atletismo. O encaminhamento destes jovens para escolinhas e clubes de atletismo é o próximo passo a ser dado. Sob esta ótica cabem alguns questionamentos: em que medida há uma estrutura para se pensar o atletismo numa etapa pós-escolar de clubes de iniciação esportiva da modalidade? Os investimentos públicos na formação de atletas existem para além de épocas que antecedem a grandes eventos? Pensar as estruturas de pistas de atletismo feitas no Brasil com o argumento olímpico Rio 2016, e analisar em que medida essas estruturas são criadas para sobreviverem

além desse período histórico podem ser pesquisas interessantes já para o ano de 2017. Pensar a transição da fase de escolar (infância/adolescência) em que o atleta ainda tem responsabilidades menores no que tange a sua subsistência por estarem vinculados aos pais, para a idade adulta onde o esporte já precisa ser profissional: que estruturas de incentivo são criadas para que estes atletas permaneçam atletas? As pesquisas veiculadas nessa categoria ajudam a pensar estas questões e são estudos interessantes no sentido de replicação e ampliação das mesmas.

Categoria “**Aspectos sócio históricos do atletismo**”: os textos alocados nessa categoria temática tratam de aspectos sociais e históricos ligados à prática do atletismo. São textos fundamentados essencialmente em teorias das ciências sociais e humanas. Aspectos históricos ligados a evoluções de técnicas de partidas de corridas de velocidade; a história do treinamento do atletismo na França nos anos de 1945-1990; e, a movimentação migratória de atletas estrangeiros de atletismo – essencialmente os de nacionalidade africana – para o Brasil são temáticas tratadas nessa categoria. Três trabalhos foram prenotados nessa categoria temática, conforme mostra o quadro 4 abaixo.

Quadro 4: Artigos categoria “aspectos sócio históricos do atletismo”

TEXTO	TÍTULO	REVISTA	ANO
Texto 10	O sistema de partida em corridas de velocidade do atletismo.	Motriz	2012
Texto 11	El entrenamiento en atletismo em Francia (1945-1970): entre arte, ciência y técnica.	RBCE	2004
Texto 12	Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil.	RBEFE	2013

Fonte: Construção dos autores

Estes três textos alocados nessa categoria temática são frutos de uma Educação Física que transcendeu a epistemologia biologicista e tecnicista que perdurava nos estudos do campo até a década de 80 do século passado. Nesta época as relações entre Educação Física e sociedade passam a ser discutidas sob a influência das teorias críticas da educação: questionava-se seu papel e sua dimensão política. Ocorria neste momento uma mudança de

enfoque, tanto no que diz respeito à natureza da área quanto no que se refere aos objetivos, conteúdos e pressupostos pedagógicos de ensino e aprendizagem. No primeiro, enfatizava-se as dimensões psicológicas, sociais, cognitivas e afetivas, concebendo o aluno como ser humano integral. No segundo, abarcavam-se objetivos educacionais mais amplos (não apenas voltados para a formação de um físico que possa sustentar a atividade intelectual), conteúdos diversificados



(não só exercícios e esportes) e pressupostos pedagógicos mais humanos (e não apenas o adestramento).

A década de 1980 foi fortemente marcada por essa influência, constituindo-se aos poucos uma corrente que inicialmente foi chamada de revolucionária, mas que também foi denominada de crítica e progressista. Se, num primeiro momento – digamos, o da denúncia –, o movimento progressista apresentava-se bastante homogêneo, hoje, depois de anos de debate, é possível identificar um conjunto de propostas nesse espectro que apresentam diferenças importantes. (BRACHT, 1999, p. 78)

Neste início de milênio, concebe-se a existência de algumas abordagens para a educação física escolar no Brasil que resultam da articulação de diferentes teorias psicológicas, sociológicas, culturais e concepções filosóficas. Todas essas correntes têm ampliado os campos de ação e reflexão para a área, bem como vêm contribuindo para aproximar a Educação Física das ciências humanas. Embora todas estas ciências tenham enfoques diferenciados entre si e com pontos de vistas muitas vezes divergentes, elas têm contribuído muito para que a educação física se articule com as múltiplas dimensões do ser humano.

Suspender o atletismo enquanto objeto a ser analisado sob o viés das ciências sociais e humanas é mais uma dentre as inúmeras formas de analisá-lo. Acreditamos que a natureza não pode consistir o fundamento irreduzível da

temporalidade humana; mas, sim, sua historicidade. Desta forma, interpelamos também o atletismo enquanto prática humana e histórica. Neste sentido pensar as novas tecnologias ligadas ao copo do atleta e as questões ontológicas e axiológicas que os regem podem ser temáticas que podem sustentar estudos sobre doping – nas suas mais variadas manifestações – e reconfiguração das regras do atletismo. Pensar o atletismo enquanto espetáculo esportivo e a utilização e manipulação de seus ídolos em comerciais televisivos também são propostas interessantes. A micro história de materiais como sapatos de prego, implementos como dardos e vestimentas esportivas são assuntos pouco trabalhados na área. O francês Christofhe Lemaitre em 2013 se tornou o septuagésimo segundo homem a correr os 100 metros rasos abaixo da marca dos 10 segundos, ele foi o primeiro branco a conseguir este feito: em que medida podemos pensar a soberania dos negros em provas de velocidade? E dos africanos em provas de fundo? O que isso representa enquanto representação social e identidade?

Categoria “**Treinamento e atletismo de alto rendimento**”: compõem a amostra dessa temática, textos que tratam de questões ligadas ao treinamento esportivo da modalidade e do atletismo de alta competição. Os tipos de lesões decorrentes do treinamento do atletismo e a avaliação da qualidade dos serviços de agentes desportivos do atletismo de alta competição de Portugal são temas dos textos desta categoria. Dois textos foram alocados a esta temática e estão descritos no quadro 5.

Quadro 5: Artigos categoria “treinamento e atletismo de alto rendimento”

TEXTO	TÍTULO	REVISTA	ANO
Texto 13	Lesões desportivas decorrentes da prática do atletismo.	UEM	2000
Texto 14	O atletismo de alta competição em Portugal: estudo da qualidade em agentes desportivos.	UEM	2002

Fonte: Construção dos autores



Estes dados nos parecem paradoxais na medida em que tivemos e temos uma Educação Física com fortes raízes tecnicistas e com uma *episteme*⁴ de corpo fortemente pautado nas ciências biomédicas que sustentam os estudos na área do treinamento esportivo. O paradoxo reside em ter apenas um texto de autoria nacional – já que o outro é de autoria internacional – que trata de treinamento desportivo no âmbito do atletismo. Ou realmente não se tem interesse em se estudar estas questões ligadas ao âmbito do atletismo, ou talvez as pesquisas nesse campo estejam ainda muito restritas às “quatro paredes” dos laboratórios e a aplicação de testes em ratos.

O atletismo brasileiro tem um histórico recente pouco interessante no que tange a resultados expressivos em termos mundiais e olímpicos. Exemplo disso são as 15 medalhas olímpicas (5 de ouro, 4 de prata e 6 de bronze) mais a medalha Pierre de Coubertin dada a Vanderlei Cordeiro de Lima em 2004⁵. Esse quadro representa um histórico rico – por se tratar de um país com pouca desenvoltura olímpica – e ao mesmo tempo pobre – se comparado a potências mundiais do atletismo que ultrapassam esse número de conquistas em um único evento olímpico. Em que medida pesquisas da Educação Física podem fomentar melhorias no atletismo brasileiro pensando na melhoria de atletas para competir com chances reais de pódio em competições de grande envergadura? O treinamento de atletas de alta competitividade são mediados por profissionais que aplicam conhecimentos de variadas áreas –

fisiologia, nutrição, cinesiologia, dentre outros. Em que medida estes profissionais se utilizam de pesquisas para subsidiar suas práticas de intervenção? Se existe pesquisa nesse contexto, onde elas estão sendo veiculadas? Haveria um distanciamento entre profissionais que aplicam conhecimento das pessoas que fazem pesquisa nessa área? Em que medida grupos de pesquisas em nível de pós-graduação em Educação Física estão inseridos no contexto de clubes de atletismo com finalidade de realização de pesquisas? A tão promulgada distância da universidade com o chão da escola estaria em consonância com o distanciamento da mesma das pistas de treinamento de atletismo?

Categoria “**Atletismo, currículo e formação profissional**”: o currículo contempla aquilo que os estudantes precisam ou devem aprender através do que é formalmente ensinado. Na formação inicial em nível de graduação em Educação Física (licenciatura e bacharelado) existem currículos que tratam do Atletismo. Nesta categoria foi abarcado um texto que insere seu conteúdo nessa temática. O estudo se propôs a analisar as características do ensino da modalidade de atletismo em quatro cursos de Educação Física – 2 instituições públicas e 2 privadas – tendo como base o currículo da disciplina, a entrevista com os professores das mesmas e observação das aulas. Como já mencionado, apenas um texto foi alocado a esta categoria e segue apresentado abaixo no quadro 6.

Quadro 6: textos categoria “atletismo, currículo e formação profissional”.

TEXTO	TÍTULO	REVISTA	ANO
Texto 15	O atletismo nos cursos de graduação em educação física.	Motriz	2011

Fonte: Construção dos autores

⁴ Michel Foucault (2001) designa a *episteme* como sendo categorias que usamos para definir e dividir o mundo social constituindo verdadeiros sistemas que nos permitem pensar, ver e dizer certas coisas, ao mesmo tempo em que impede de ver e dizer tantas outras. A *episteme* funciona enformando as práticas (discursivas e não discursivas) e dando sentido a elas; ao mesmo tempo, a *episteme* funciona também em decorrência de tais práticas.

⁵ Vanderlei Cordeiro liderava a maratona nas olimpíadas de Atenas em 2004 com aproximadamente 150 metros de vantagem sobre o segundo colocado quando no quilômetro 35, a pouco mais de 7 quilômetros da chegada, ele foi atacado no meio da rua por um espectador, o ex-padre irlandês Cornelius Horan, que o jogou fora da rua onde a maratona estava sendo corrida. Ao final Vanderlei conquistou a medalha de bronze e foi ovacionado pelo público. Pela bravura de ter completado a prova após o ocorrido o atleta foi condecorado com a medalha Pierre de Coubertin pelo Comitê Olímpico Internacional – COI.



Na pesquisa de Silva et al (2015) os autores sinalizam no seguinte sentido: para que o atletismo seja cada vez mais uma realidade nas aulas de Educação Física escolar faz-se necessário que nos cursos de formação em Educação Física esta modalidade seja trabalhada. Os autores ainda afirmam que a falta de infraestrutura e a carência de materiais didáticos apontados como argumentos para a não prática do atletismo na Educação Física escolar pode ser sanada nos cursos de formação.

Diante da constatação de que a falta de infraestrutura das escolas continua sendo uma das maiores dificuldades sentidas pelos professores para trabalhar com o atletismo na Educação Física Escolar, consideramos fundamental que os cursos de formação apresentem possibilidades pedagógicas que os auxiliem a perceber que é possível ensinar a modalidade mesmo sem espaço e materiais oficiais, ou até mesmo que enxerguem novas possibilidades metodológicas, a exemplo do defendido anteriormente por Kunz e Sousa (2006). (SILVA et al, 2015, p. 1118).

Pesquisas sobre formação profissional a partir de análise de documentos são comuns no âmbito acadêmico na Educação. Temáticas interessantes nesse sentido, seriam bem vindas ao campo da Educação Física, principalmente para se pensar os conteúdos na formação inicial já que existem entraves históricos na formação da licenciatura X bacharel. Que foco é dado à disciplina atletismo nestes diferentes cursos? Que conteúdos do atletismo ficariam de fora sob o viés de uma formação e de outra? Existem 2 atletismos: o do bacharelado e o da licenciatura? Acreditamos ser esta uma proposta atual para o momento que atravessamos dada as discussões sobre a reformulação curricular do campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo do presente artigo, que foi o de realizar uma análise do levantamento nos periódicos nacionais da Educação Física (classificados com extrato A1, A2, B1 e B2) com a perspectiva de traçar o que

vem sendo produzido e conseqüentemente publicado nos mesmos em relação ao tema atletismo, percebemos ao quantificar e descrever os dados que inúmeros questionamentos em volta da temática emergem a partir dos dados apresentados, podendo contribuir bastante para futuros estudos relacionados ao "atletismo" nos estudos da Educação Física.

Como já descrito, a coleta e organização dos dados foi organizada a partir da busca no site da revista marcando as opções por título, a partir da seguinte palavra-chave: "atletismo". Aplicados os critérios de corte o resultado desta busca totalizou 15 artigos.

Com a amostra definida buscou-se dados bibliométricos relativos às publicações que sintetizaram informações relativas ao ano de publicação e informações sobre os autores (quantidade, região, sexo), bem como sobre a temática geral do texto (resumo, título, mês e ano de publicação). Desta forma, nos preocupamos em identificar as seguintes informações dos textos: Título; Resumo; Tema Central; Mês/Ano/Edição; Instituição; Região; Gênero dos Autores; Número de Autores. Estes dados apontaram vislumbres interessantes no sentido de perceber como está sendo a produção do conhecimento a respeito da temática atletismo na Educação Física.

Além disso, a descrição do quantitativo das temáticas feita a partir da leitura dos artigos e seus respectivos resumos foi organizada em categorias a fim de identificarmos as principais temáticas ligadas ao estudo do atletismo no âmbito da EF. Desta forma foram identificadas 5 categorias: atletismo e educação física escolar (com 5 textos); formação de atletas de atletismo e talento esportivo (com 4 textos); aspectos sócio históricos do atletismo (com 3 textos); treinamento e atletismo de alto rendimento (com 2 textos); e, atletismo, currículo e formação profissional (com 1 texto).

O total de 15 textos encontrados sinaliza que o atletismo ainda é marginal no que tange a pesquisas e publicações no âmbito do campo da Educação Física. No que tange as categorias temáticas percebemos através da bibliometria que mesmo as temáticas abordadas nas produções ainda não dão conta de problemáticas



inerentes às mesmas. Por isso, feita as análises no texto, apontamos algumas demandas que acreditamos ser pertinentes. No entanto, o leitor mais atento que lida com de alguma forma com o atletismo pode identificar outras tantas.

A relevância de um estudo bibliométrico vem no sentido de sistematizar de forma organizada publicações dentro de um campo de conhecimento ou ciência. Desta forma, o presente texto fez sumariamente a organização do que vem sendo publicado em periódicos da Educação Física, a fim de apresentar o estado da arte aos estudiosos do tema dentro do campo. Sabemos que a nossa amostra empírica reduzida a publicações em revistas avaliadas como A1, A2, B1 e B2 pela WebQualis Capes podem sinalizar pouco de um campo que não reduz suas

pesquisas a estes periódicos. Porém, as conclusões que chegamos foram feitas a partir dessa amostra e sabemos que o que aqui trazemos está recortado dentro de um tempo e de um espaço o que nos permite reconhecer a previsibilidade dos conhecimentos aqui estruturados. Outras teorias, outros pesquisadores, outros momentos históricos ressignificarão muito do que apresentamos aqui como verdades. Porém, fica nosso desejo de que este texto contribua para outras pesquisas que tratem do atletismo, e que ela dure o tempo que ela necessite para ser totalmente refutada. E quando ela assim o for, torceremos para que o atletismo esteja sendo tratado com um pouco mais de dignidade no âmbito das pesquisas da Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Carlos A. A. Bibliometria: evolução história e questões atuais. **Revista em questão**, Porto Alegre, RS, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006.
- BÖHME, Maria Tereza Silveira. O tema talento esportivo na ciência do esporte. **Revista brasileira de ciência e movimento**, v. 15, n. 1, p. 119-126. jan./ mar.,2007.
- BRACHT, Valter. **Educação física & ciência**: cenas de um casamento (in) feliz. Ijuí, RS: Unijuí, 1999.
- BUFREM, Leilah; PRATES, Yara. O saber científico registrado e as práticas de mensuração da informação. **Revista de ciência da informação**. Brasília, DF, v. 34, n. 2, p. 9-25, mai./ ago., 2005.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo; BRACHT, Valter. O tempo e o lugar de uma didática da educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, SP, v. 28, n. 2, p. 21-37, jan. 2007.
- FEITOZA, José Ernandes; MARTINS JÚNIOR, Joaquim. Lesões desportivas decorrentes da prática do atletismo. **Revista de educação física da UEM**, Maringá, PR, v. 11, n. 1, p. 139-147, jan./mar. 2000.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- GAMBOA, Silvio Sanchez. Teoria e prática: uma relação dinâmica e contraditória. **Motrivivência**, Florianópolis, SC, n. 8, p. 31-45, dez., 1995.
- GINCIENE, Guy; MATTHIESEN, Sara Quenzer. O sistema de partida em corridas de velocidade do atletismo. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 18, n. 1, p. 113-119, jan./mar. 2012.
- IORA, Jacob Alfredo; MARQUES; Carmen Lúcia. O atletismo escolar: proposta de organização de aulas a partir da proposta crítico-emancipatória e didática comunicativa. **Pensar a prática**, Goiânia, GO, v. 16, n. 2, mai./jul., 2013.



MATOS, Abreu; CORREIA, Abel. O atletismo de alta competição em Portugal: estudo da qualidade em agentes desportivos. **Revista de educação física da UEM**, Maringá, PR, v. 13, n. 2, p. 7-17, set./dez., 2002.

MATTHIESEN, Sara Quenzer; SILVA, Melissa Fernandes Gomes; SILVA, Augusto César Lima. Atletismo na escola. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 14, n. 1, p. 96-104. jan./mar., 2008.

MATTHIESEN, Sara Quenzer e colaboradores. Atletismo para crianças e jovens: vivência e conhecimento. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 14, n. 3, p. 354-360. jul./set., 2008.

MARQUES, Carmen Lúcia; IORA, Jacob Alfredo. Atletismo escolar: possibilidades e estratégias de objetivo, conteúdo e método em aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, RS, v. 15, n. 2, p. 103-118, abr./jun., 2009.

MEZZARROBA, Cristiano e colaboradores. A visão dos acadêmicos de educação física quanto ao ensino de atletismo na escola. **Efdeportes**, Buenos Aires, ano 10, n. 93, p. 1-9, fev., 2006.

PEREIRA, Júlio César Rodrigues. **Análise de dados qualitativos**: estratégias metodológicas para as Ciências da Saúde, Humanas e Sociais. 3. ed. São Paulo: EdUSP, 2004.

PRADO, Vagner Matias do; MATTHIESEN, Sara Quenzer. Para além dos procedimentos técnicos: o atletismo em aulas de Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 13, n. 2, p. 120-127. abr./jun., 2007.

ROCHA, Priscila Garcia Marques da; SANTOS, Edivando Souza dos. O abandono da modalidade esportiva na transição da categoria juvenil para adulto: estudo com talentos do atletismo. **Revista de educação física da UEM**, Maringá, PR, v. 21, n. 1, p. 69-77, jan./mar., 2010.

ROGER, Anne. El entrenamiento en atletismo en Francia (1945-1970): entre arte, ciencia y técnica. **Revista brasileira de ciências do esporte**, Campinas, SP, v. 26, n. 1, p. 153-169, jan./mar., 2004.

RIBEIRO, Carlos e colaboradores. Tem um queniano correndo entre nós: atletismo e migração no Brasil. **Revista brasileira de educação física e esporte**, São Paulo, v. 27, n. 3, p. 401-410, jul./set., 2013.

SILVA, Gustavo Marçal Gonçalves da. **Talento esportivo**: um estudo dos indicadores somatomotores na seleção de jovens escolares. 109f. Dissertação (Mestrado em Ciências do movimento). Escola de Educação Física. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

SILVA, Eduardo Vinícius Mota e; DARIDO, Suraya Cristina. O atletismo nos cursos de graduação em educação física. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 17, n. 3, p. 525-532, jul./set., 2011.

SILVA, Eduardo Vinícius Mota e e colaboradores. Atletismo (ainda) não se aprende na escola? Revisitando artigos publicados em periódicos científicos da educação física nos últimos anos. **Movimento**, Porto Alegre, RS, v. 21, n. 4, p. 1111-1122, out/dez 2015.



VASCONCELOS-RAPOSO, José e colaboradores. Caracterização dos níveis de ansiedade em praticantes de atletismo: níveis de ansiedade no atletismo. **Motriz**, Rio Claro, SP, v. 3, n. 1, p. 298-314, jan./mar., 2007.

VIEIRA, Sonia. **O que é estatística?** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

VIEIRA, Lenamar Fiorese; VIEIRA, José Luiz Lopes. A relação entre timing vital e social de talentos esportivos: um estudo com atletas paranaenses do atletismo. **Revista de educação física da UEM**, Maringá, PR, v. 11, n. 1, p. 119-128, jan./mar., 2000.

VIEIRA, Lenamar Fiorese; VIEIRA, José Luiz Lopes. As estruturas políticas e sua influência no desenvolvimento do esporte no estado do Paraná: o caso do atletismo. **Revista de educação física da UEM**, Maringá, PR, v. 12, n. 2, p. 7-25. Abr./set., 2001.

VIEIRA, Lenamar Fiorese; VIEIRA, José Luiz Lopes. Talentos esportivos: estudo dos atributos pessoais dos atletas paranaenses do atletismo. **Revista de educação física da UEM**, Maringá, PR, v. 12, n. 1, p. 7-17, jan./abr., 2001.